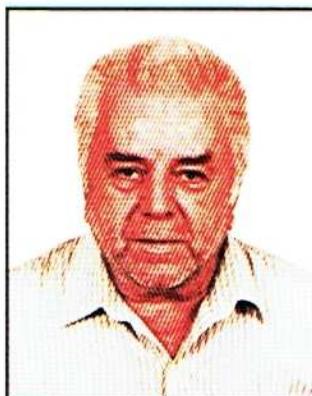




Comunidade Salesiana de Poxoréu-MT

Caríssimos irmãos,
Com tristeza comunico o falecimento do nosso irmão sacerdote



★ 29/09/1931
† 08/06/2008

Pe. PAULO GEORG MICHAEL MOHR

Há quatro anos falecia no Hospital Unimed Miguel Couto, em Campo Grande, nosso estimado irmão Pe. Paulo Mohr, vitimado por um infarto agudo no miocárdio e pela diabete. Desde 2008, já estava na casa inspetorial São José para tratamento de saúde, já muito debilitada. Seu corpo foi velado na capela da casa inspetorial e sepultado no jazigo dos Salesianos no cemitério de Santo Antônio. Com esta carta, queremos conservar a memória desse irmão que dedicou sua vida como missionário em nossa Inspetoria de Mato Grosso.

Pe. Paulo nasceu na Alemanha, na região de Wiesbach, Bavária/Alemanha. De uma família profundamente católica, Sr Jacob Mohr e Johanna Krammer Mohr, no dia 29 de setembro de 1931. Cresceu no seio de uma família tradicional, sendo o único filho ao lado de três filhas. Suas irmãs sempre o apreciaram e o continuam em vida até o presente momento. Nesse tempo, a Alemanha iria iniciar um período de ajuste político sob o comando de um grande personagem que incendiou os ânimos dos alemães: Adolf Hitler. Preparou o poço para o grande acontecimento dessa década na história da Alemanha e do mundo: o início da segunda guerra mundial no final da década, em 1939. Tantos projetos sobre a soberania dos alemães levaram todos ao

sacrifício de uma luta pelo poder e para mostrar as propaladas superioridades de um povo. Terminou tudo em nada! E, justamente nesse tempo, o garoto Paulo Mohr se preparou para a vida.

Paulo Mohr foi batizado no dia 4 de outubro de 1931, dia em que se confirmou o seu nome por completo, Paul Georg Michael Mohr; recebeu, bem mais tarde, o sacramento da crisma, em 8 de fevereiro de 1945, aos quatorze anos. Sempre esteve afetivamente ligado às suas três irmãs ao longo de sua permanência na inspetoria de Mato Grosso. Elas, ainda vivas, sempre estiveram muito próximas dele em todos os sentidos: amizade e consideração, auxílio e apreço familiar. Em todas as ocasiões em que viajou para visitá-las, retornava muito satisfeito. Com elas estabeleceu um amor verdadeiramente fraterno.

Antes de se dirigir para a casa de formação de Benediktbeuern, sabe-se que se profissionalizou como padeiro. Essa era a sua qualidade profissional, que continuou a exercer no tempo de formação de sua permanência em Benediktbeuern. Padeiro de grande gosto a ponto de fazer, com a massa do pão, algo de singular e aprazível.

Definiu sua vocação aos 19 anos, depois que se profissionalizara como padeiro, ao se dirigir para o aspirantado em Benediktbeuern, em setembro de 1950, justamente depois de um tempo difícil pós-guerra, quando ainda todo o país encontrava-se em estado de reconstrução após as batalhas contra os aliados. O aspirantado foi a referência para conhecer e aprender a vida salesiana, além de se preparar nos estudos. Permaneceu aí até completar os estudos necessários para ir para o noviciado.

No dia 15 de agosto de 1954, após finalizar os estudos necessários realizados no aspirantado, tendo sido aceito para ir para o noviciado, iniciou a etapa da formação na casa salesiana de Ensdorf. Ao final do noviciado, tendo sido aprovado, concretizou o seu ideal de se tornar salesiano com a primeira profissão que aconteceu no dia 15 de agosto de 1955, na casa do noviciado, isto é, em Ensdorf.

Logo após a profissão, deve ter feito o seu pedido para ser missionário no Brasil e, mais precisamente, em Mato Grosso. Fora seu inspetor nesse tempo o Pe. João Greiner, que estivera por muitos anos no Brasil, onde trabalhara em diversas casas e certamente fez propaganda sobre a vida missionária no Brasil justamente para aqueles noviços ou aspirantes que possuíam alguma profissão e cuja idade seria maior que a idade dos outros. Seria o caso do Pe. Paulo, que se colocava na congregação como um verdadeiro "Filho de Maria", apto para o trabalho missionário. A propaganda do Pe. Greiner deve ter sido entusiasmante, pois vários jovens salesianos alemães vieram para a

inspetoria missionária de Mato Grosso. Intensificou a ida de muitos jovens alemães para a inspetoria de Mato Grosso o fato de, em 1958, o próprio Pe. João Greiner ter sido nomeado para inspetor em substituição ao Pe. Guido Borrà.

O jovem salesiano Paulo Mohr viajara para o Brasil imediatamente após sua primeira profissão e iniciou seus estudos de filosofia, em fevereiro de 1956, na Lagoa da Cruz, onde permaneceu como estudante e formando trienal até 1958. Terminou seu período de estudos filosóficos justamente no ano em que o Pe. João Greiner iniciou o seu período de inspetor aqui em nossa região, no ano de 1958.

Seu primeiro ano de tirocínio aconteceu em 1959, junto aos aspirantes em Coxipó da Ponte; o segundo ano prosseguiu na mesma casa. O terceiro ano de tirocínio aconteceu também numa casa de formação, em Lucélia, SP, para onde fora transferido o aspirantado de Tupã. Nesse tempo, trabalhou muito na lavoura e em outras atividades atendendo as necessidades que a precariedade da casa pedia. Iniciava-se a melhoria da casa de Coxipó para poder acolher maior número de aspirantes. O Assistente Paulo Mohr mostrou-se muito dedicado, em especial com gosto pelo trabalho na propriedade da casa, nas oficinas, na lavoura, pomar e demais atividades, como viagens e passeios pelas missões. Aliás, o gosto por tudo isso lhe valeria muito, pois futuramente, nas missões essas atividades sempre foram essenciais. A mesma postura apresentou em Lucélia, onde a casa também dispunha de um pequeno terreno para essas atividades complementares durante o período em que todos se ocupavam com a limpeza dos ambientes e com a horta.

Terminado o segundo triênio dos votos, como era praxe naquele tempo, fez a profissão perpétua. Esta aconteceu em Campo Grande, no final do retiro dos salesianos, no dia 31 de janeiro de 1961. O particular desse ano foi que haviam sido iniciados os alicerces da futura casa de retiros na Lagoa da Cruz, e Pe. Greiner estava muito entusiasmado, pois finalmente a inspetoria iria ter uma casa apropriada para os retiros anuais dos salesianos.

Terminado o Tirocínio, o passo seguinte foi o seu ingresso no Estudantado Teológico do Instituto Pio XI de S. Paulo. Aliás, o que era uma tradição, pois todos os salesianos formandos do Brasil dessa etapa estudavam lá. Ao lado de outros companheiros de inspetoria, iniciou os quatro anos de estudos teológicos necessários para a futura ordenação. Não houve problemas e transcorreu durante os quatro anos na simplicidade de um formando da inspetoria de Mato Grosso, de um missionário. Sempre se mostrou muito ligado às casas em que estivera

como tirocinante e às missões. Como era costume, após o último ano de estudo, foi ordenado junto com a turma toda do quarto ano, na Igreja do Bom Retiro, no dia 01 de agosto de 1965, o que aconteceu como fora do comum, pois normalmente a ordenação sacerdotal das turmas acontecia no dia 08 de dezembro. Uma vez concluído o tempo de estudo retoma para a inspetoria para iniciar o seu trabalho apostólico em diversas casas.

A inspetoria nesse tempo, depois do período de inspetorado do Pe. Greiner, que retomara para a Alemanha, em 1963, era dirigida pelo Pe. Leonardo Jacuzzi. Esse inspetor, tremendamente diferente dos anteriores em suas posturas, causou um sobressalto na postura do Pe. Paulo. Ele se mostrara defensor do valor das casas da inspetoria e desejava ver o prolongamento do projeto e considerações do inspetor anterior, Pe. Greiner. As ideias e as ações do Pe. Jacuzzi atordoavam a todos.

Sua primeira designação para trabalhar depois da ordenação sacerdotal foi justamente para a casa de formação do Coxipó da Ponte, como conselheiro escolar. Transcorreu um ano nessa função, para a qual não se julgava muito preparado e com a qual não combinava sua aptidão e gosto pelo trabalho na terra. Mas trabalhou com afinco um ano nessa função para que o aspirantado fosse avante e bem.

No ano seguinte, continuou na mesma casa, mas na função para a qual ele se sentia muito melhor e mais capaz: foi nomeado ecônomo. E naquele tempo, o ecônomo tinha que pensar em tudo e prover a tudo para o sustento dos salesianos e dos numerosos aspirantes. Além disso, sempre a casa necessitou de reparos e de aprimoramentos nas construções. Havia sido construído o prédio novo além da caixa d'água, para uma posição melhor de salas de aulas e de uma capela maior que a antiga. Permaneceu nesse cargo por um ano, 1967, pois no ano seguinte o inspetor transferiu-o para o seminário Cristo Rei da arquidiocese de Cuiabá, na Várzea Grande, com a mesma função de ecônomo. Trabalhou aí com grande dedicação por dois anos: 1968 e 1969. Em 1970, foi transferido para a Colônia Indígena de Meruri. Era o coroamento de sua vocação missionária, trabalhar diretamente entre os indígenas. Foi designado como Diretor da Missão. Teve que trabalhar muito durante os dois anos que ali permaneceu como diretor. Uma das mais complicadas questões nesse tempo já era a questão da terra indígena que pedia demarcações. Esse fato criava um acirramento de ânimos dos índios contra os fazendeiros e posseiros da região. A situação manteve-se em estado de suspensão, e o Pe. Paulo não permitiu que os índios maltratassem quem quer que fosse. Era uma situação

complicada e delicada. Porém ele sempre entendeu a posição dos fazendeiros que haviam chegado à região pretendida como “reserva indígena”; eles chegaram, instalaram-se com permissão do governo de então. Edificaram as fazendas, construíram suas casas e trabalhavam em suas áreas previamente demarcadas no cartório de Barra do Garças. Pe. Paulo Mohr sempre reconheceu o direito dessas famílias e via o problema da demarcação agitar os ânimos, pois os fazendeiros estavam sendo tratados pelo governo de então como invasores. Pe. Paulo, em sua simplicidade e limpidez de consciência, pensava que eles não estariam ali se soubessem desde o início que a terra seria demarcada como reserva indígena. Ele conseguiu conter os ânimos e manter a paz entre os habitantes de General Carneiro, os fazendeiros e os índios de Meruri. Por dois anos, sustentou sua posição e manteve em clima de paz tanto com os civilizados, como com os indígenas. Permaneceu como diretor de Meruri até o final de 1971.

No início de 1972, foi transferido para a casa de Alto Araguaia. Essa casa mantinha uma paróquia muito extensa com várias capelas rurais, um colégio para internos e externos. Era um colégio tradicional e muito considerado na região; o internato sempre se manteve com mais de cem alunos e o externato passava de trezentos alunos. Era um colégio muito apreciado em toda a região, pois possibilitava que os filhos dos fazendeiros, ou mesmo das cidades mais próximas, pudessem deixar seus filhos e filhas no internato. As irmãs salesianas também mantinham um internato e colégio correspondente, que mais tarde passou a ser conveniado com o governo estadual e funcionava como escola pública de educação elementar, curso primário antigo. As internas, normalmente parentes dos internos, estudavam o ensino fundamental no Ginásio Pe. Carletti. Houve até tentativas de implantar o ensino médio, mas não perdurou. Permaneceu sempre como escola de ensino fundamental (antigo primeiro grau).

Para auxiliar na manutenção do internato, havia sido adquirida em tempos anteriores uma fazenda de criação de gado. Principalmente essa fazenda se prestava para os passeios com os internos. Em sua divisa, estava o ribeirão de águas límpidas e agradáveis: o “Boiadeiro”, afluente do Rio Araguaia. Este, o Araguaia, passava no antigo pátio do prédio que se situava ao lado do rio, lugar onde foi construída a igreja principal da cidade. Uma vez pronto o novo, os salesianos deixaram as casas e prédios que se situavam às margens do rio e passaram a residir nesse outro conjunto de prédios, muito mais aparelhado e condigno de um colégio, em especial com ambientes mais apropriados para acolher os internos.

Pe. Paulo se sentia muito bem nessa casa, pois gostava de trabalhar na fazenda aparelhando-a com pastos e cercas para melhor desenvolver o crescimento e o cuidado do rebanho de gado, trabalhar no pesado e até com trator e motosserra para montar as divisões dos pastos. Fazia-se auxiliar por alguns internos afeitos aos trabalhos rurais nas fazendas de seus pais. Justamente nesse período de tempo em que trabalhou em Alto Araguaia, iniciaram os seus problemas de saúde. Decidiu por uma operação muito delicada no hospital da cidade mesmo; teve um rim extraído por complicações e inflamações. A cirurgia correu normalmente, e o acompanhamento dos médicos foi excelente. Porém, com um rim só, ficou mais frágil.

Permaneceu em Alto Araguaia, até o final de 1975. Deixou a casa em ordem, e a fazenda, bastante organizada, ainda que existissem questões pendentes de terrenos antigos; um, ao lado do colégio das irmãs, cuja área iria cerca de alguns hectares margeando o Araguaia. Hoje esse terreno se tornou um bairro já populoso. Outro terreno, cuja legalização necessitava ultimar, foram os lotes de duas quadras próximas da rodovia que seguia em direção à fazenda, onde antigamente existia uma olaria que aproveitava o barro bom para a confecção de tijolos. Uma terceira parte de terrenos que necessitavam ser legalizados foram os dois lotes primeiros da fazenda. Um onde a sede desta se encontrava com o curral; outro situava na região limítrofe com o alto aeroporto — onde hoje é um bairro. Esses lotes estavam no nome da Prelazia, pois antigamente a Prelazia e a Missão Salesiana não se distinguiam. Essa parte burocrática não fora resolvida em sua administração, mas tudo estava individualizado e encaminhado para o centro inspetorial.

No ano seguinte, em 1976, Pe. Paulo era o diretor de Sangradouro, Colônia indígena que abriga bororo e xavante. Depois de tanto tempo, foram feitas as demarcações das terras, e os salesianos entregaram para a reserva indígena mais da metade da propriedade de 25.000 hectares. Permaneceram para a Missão Salesiana 11.000 hectares. Na parte da propriedade salesiana, Pe. Paulo desenvolveu a criação de gado com a finalidade de ser a fonte de sustentação para os missionários e para os indígenas. Os tempos mudariam, e as antigas e grandiosas lavouras não mais existiriam. Somente aconteceram alguns projetos financiados pelo governo; duraram pouco, e a reserva foi sendo ocupada pelos diversos grupos dos xavante. Outra atividade importante da época era a escola. Muitos alunos e muita preocupação na organização perante as exigências formais do governo. Os tempos mudaram e a proximidade das cidades provocava maior autonomia de

subsistência dos xavante e bororo. Mas era sempre necessária a presença animadora dos salesianos, quer na escola, quer na saúde e, principalmente, na catequese e promoção da vida religiosa. Depois de três anos de diretor em Sangradouro, foi transferido novamente para Alto Araguaia.

Em julho de 1976, aconteceu o grande e trágico acontecimento de Meruri, onde, além do Pe. Rodolfo Lunkenbein, morreram o índio Simão e um moço do grupo dos civilizados; os ânimos exaltados de um e de outro lado tornavam os dias muito tensos e perigosos de outros entreveros e de muitas mortes. Pe. Paulo Mohr foi designado pelo inspetor para ir para a Missão de Meruri para controlar a situação. Esteve lá por meses e conseguiu desarmar os ânimos e manter a paz tanto entre os bororo, como entre os civilizados dos arredores e de General Carneiro. Foram meses de grande tensão e preocupações, mas ele preparou a casa para a vinda do novo diretor, que veio do Colégio São Gonçalo de Cuiabá.

Chegou ao Alto Araguaia, no início do ano de 1979. Como econôomo, retornou aos trabalhos rotineiros da casa, que ainda mantinha o internato. Nesse tempo, pôde ser acompanhado por seu amigo médico que lhe fizera a cirurgia do rim, Dr. Sebastião. Não mediou esforços, dirigia seu pequeno Jeep antigo ou o velho e forte caminhão militar "Suíço" para agilizar os trabalhos na fazenda. Adquiriu outra parte de terreno, completando uma área de mais de 2.000 hectares para poder criar maior rebanho. Conseguiu finalizar a organização da divisão das pastagens dentro de uma organização impecável. Trabalhou muito nesse período e deixou a casa de Alto Araguaia em boa situação financeira.

Depois de sete anos de trabalho em Alto Araguaia, foi transferido para o Seminário Diocesano de Cristo Rei, em Várzea Grande, Cuiabá. Essa casa, pertencente à diocese, tinha uma área muito grande onde aconteciam as criações de animais e de pequenas lavouras para subsidiar a sustentação dos mais de 80 seminaristas diocesanos. Realizou sua rotina de trabalho como já fizera em Sangradouro e em Alto Araguaia. Sempre trabalhou com muita dedicação.

No início de 1990, foi transferido para outra casa onde existia uma fazenda e um colégio: Corumbá — Colégio Salesiano de Santa Teresa. Permaneceu nessa casa por mais dez anos. Conseguiu manter o colégio que, depois de um longo período como escola conveniada com o Estado, então escola estadual com mais de 3.000 alunos, retornara para funcionar somente como escola particular. Foram tempos difíceis, pois essa volta ocasionou muita preocupação, e as perspectivas nem

sempre aconteceram como eram esperadas. Com calma e com paciência, os salesianos superaram os entraves e puderam imprimir o vigor antigo de uma escola tipicamente salesiana, particular, para os jovens da cidade. Ao mesmo tempo, Pe. Paulo investiu muito no desenvolvimento da Band'Alta: cuidado com a casa de retiro, formação de pastos, transferência do curral para além do riacho. Conseguiu formalizar e dar sequência à produção leiteira da fazenda, pois havia edificado um curral exemplar e silos apropriados para uma produção alta de leite. Como sempre, investiu muito e muito trabalhou ali.

Dois acontecimentos foram importantes em sua vida nessa etapa. O acontecimento que mudou a vida do Pe. Paulo foi o convênio que a Missão Salesiana realizara com a UCDB em que estava incluída a cessão da Fazenda para uma administração que dependia somente da universidade. Pe. Paulo sentiu dolorosamente essa entrega; praticamente se abalou com a falta daquele campo de trabalho. E essa dor se tornou mais lancinante quando viu suas edificações do atendimento do gado tomarem outros rumos e outros aplicativos. Nesse tempo, sua dor tornara-o muito triste, e sua doença de diabetes se acentuou de forma tal que decaiu muito sua resistência física.

Continuou em Corumbá como econômico do colégio e como vigário paroquial. Nesse período, multiplicou sua experiência em construir igrejas de forma ecológica ou capazes de expressar a arte local, as construções das igrejas "ecológicas", todas ornamentadas por fora por uma madeira própria do pantanal, "carandá", que se tornaram referências e obras de arte. A primeira igreja foi a de Nossa Senhora do Carmo, no Bairro Aeroporto, construída em 1991 e inaugurada em julho de 1992 na festa da padroeira. A segunda surgiu no bairro afastado do centro e próximo de um assentamento perto do Urucum, a igreja de São Francisco de Assis. Completamente "ecológica" pelo revestimento de "carandá". A terceira e última da cidade foi a de São Vicente de Paulo, no bairro correspondente. Aí se valeu de uma jovem pintora da cidade para a ornamentação. Também resultou uma obra muito original pelas pinturas e pela ornamentação externa, em que se utilizou da palmeira "carandá". Essas igrejas representam a alma e o zelo do Pe. Paulo como sacerdote devotado. Essas edificações foram a coroação de seus longos treze anos de permanência na cidade. Como sempre, trabalhava com dedicação e perseverança em seus projetos, e estes por sua vez traziam-lhe de volta a vitalidade de sempre. Porém sua saúde complicava-se cada vez mais. Teve que ir para Campo Grande para tratamentos seguidos.

Em 2004, foi transferido para a cidade de Poxoréu como

vigário paroquial. Tentou realizar algo de importante em seu trabalho. O resultado foi outra igreja, agora em conformidade com a arte proveniente de um lugar que surgiu e foi profundamente marcado pela mineração das terras em busca de diamantes. A igreja do bairro expressa sua capacidade e gosto em se situar na cultura da região. Edificou uma igreja artisticamente representativa da região, valeu-se das pedras e de recursos artísticos em que as paredes e as ornamentações pudessem ser formadas com as pedras. Lá está a devoção e a dedicação do Pe. Paulo ao povo e ao lugar. Expressou seu gosto e dedicação nessa última obra de arte e de sacerdote devotado ao povo simples. Sempre esteve muito próximo das pessoas do lugar, na forma e liberdade dos mais humildes.

Traços significativos

Expressivamente a vida do Pe. Paulo Mohr na história da inspetoria foi marcante; entre tantas possibilidades de individualizar os aspectos significativos de sua presença, seria bom destacar algumas afirmações:

1 — Foi um missionário que veio para o Mato Grosso depois do período em que a Europa, e em especial a Alemanha, passara pela reconstrução depois da II Guerra Mundial. Com ele, vieram outros alemães para dedicarem sua vida no trabalho desta inspetoria. Trouxeram algumas peculiaridades. O Pe. Paulo, enquanto estudante na Lagoa da Cruz, exercitou-se naquilo que profissionalmente ele sabia fazer: era padeiro e gostava de mexer com tratores e com a lavoura. Fez pães saborosos naqueles tempos de estudante, ao mesmo tempo gostava de trabalhar no “pesado”.

2 — Dedicado em todas as suas posições de trabalho; sempre lutou pelo bem da inspetoria e da Congregação. Trabalhou em ambientes rurais, escolas e nas missões. Não era uma pessoa que gostasse de estudos, mas de trabalhos práticos. Na última parte de sua vida, deixou transparecer seu gosto pela arte na edificação das quatro igrejas;

3 — Além do gosto pelo trabalho pesado, Pe. Paulo teve que enfrentar uma verdadeira batalha para conservar sua saúde. O primeiro embate foi quando perdeu um dos rins. Mais tarde chegou a diabete, que o atormentou o resto da vida por bem mais de 15 anos. Porém sua dedicação ao trabalho sofreu um embate quando esteve em Alto Araguaia pela segunda vez, sofreu uma luxação terrível na bacia com deterioração de seu encaixe femoral na perna esquerda. Passou por várias operações na Alemanha. Teve a cabeça de seu fêmur refeita por

uma prótese metálica para poder suportar o seu exagerado peso corporal. Gordo e deficiente no andar, passou a se valer da bengala para poder se locomover. Essa prótese metálica encaixava-se em seu fêmur de forma até inusitada, passava de 25 cm. Suportou esse incômodo por vários anos. Porém sua pior situação foi ocasionada pelo agravamento das consequências advindas do mal da diabete. Deixava-o transtornado com tanta dieta e tanto controle, mas o mal foi inexorável, levando à morte.

4 — Pe. Paulo Mohr se identificou no trabalho e na vivência do espírito salesiano cultivado na inspetoria missionária de Mato Grosso com a vida e história da presença da Congregação nesse território, com a maneira própria de se trabalhar nos diversos campos de apostolado dos salesianos aqui.

5 — Ele fez parte de um grande número de missionários alemães que vieram para essa inspetoria devido à influência do Pe. João Greiner, que estivera aqui antes da Guerra, fora nomeado inspetor da inspetoria da Alemanha durante a guerra e retornou ao Mato Grosso com inspetor em 1958. Ele conseguiu despertar em muitos jovens salesianos da inspetoria da Alemanha o espírito missionário. Pe. Paulo Mohr foi um destes e deu sua vitalidade, sua capacidade de trabalho, sua fidelidade a D. Bosco em prol dos jovens, dos índios e dos católicos dessa região. Foi um salesiano missionário benemérito;

6 — Existem dois fatos extraordinários em sua vida que merecem ser destacados. Quando estava em Corumbá, na década de 1990, os trabalhos na Band'Alta exigiam muito de sua resistência física. Já se faziam presentes os efeitos do diabete. Numa tarde, quando retornava para Corumbá, numa Kombi, depois de um dia de trabalho, antes de entrar na BR 262, desmaiou, e a Kombi prosseguia devagar dentro do leito da estrada, mas começou a se desviar, quando um paroquiano que ia em sentido contrário percebeu que o Pe. Paulo estava caído no banco. Correu e conseguiu milagrosamente parar a condução e levou desmaiado, em coma, o Pe. Paulo até a Santa Casa. Permaneceu em coma ainda uns dois dias e voltou à vida normal.

Outro fato significativo ocorreu na mesma estrada. No tempo de chuva, voltando da fazenda, enfrentou uma enxurrada de uma tempestade fora do comum; forte e impetuosa. A quantidade de água que corria pela estrada iniciou a avolumar-se de tal forma, que ele nunca imaginara. Cresceram o volume e a força da água, que corria como se fosse uma torrente impetuosa que crescia e aumentava com uma velocidade extraordinária. Sem saber o que fazer, vendo a caminhonete sendo invadida e arrastada, deixou-se levar e passou para a carroceria

para segurar os tambores de leite que começavam a flutuar e a serem levados pela correnteza. Nessa luta, foi arrastado e bateu em uma árvore já fora da estrada e, debatendo-se, conseguiu salvar-se. Contava essa passagem com tal força que parecia sempre estar vivendo a proximidade de se ver arrastado ainda pela força daquelas águas.

Conclusão

Pe. Paulo foi um dos tantos salesianos que se empenharam com todo o ardor de seu coração no trabalho apostólico para o bem dos jovens e do povo a que sempre atendeu com carinho. Forte, vigoroso e ativo, sempre gostou de trabalhos que exigiam a expressão de seus predicados. Da mesma forma, sempre foi atencioso com todos, meninos, jovens, indígenas ou seus queridos paroquianos; a todos sempre se mostrou devotado e atencioso.

Cabe aqui o testemunho do Ir. Altair Gonçalo, que foi seu aluno no aspirantado do Coxipó da Ponte: "Conheci o padre Paulo como jovem assistente dos maiores em 1960, como professor de matemática para todos e de inglês para alguns. Fazia então a 3^a série do ensino fundamental. Guardo sempre a imagem de salesiano cumpridor de seus deveres e muito trabalhador. Trabalhei com ele em Corumbá e pude apreciar de perto o quanto apostólico ele era a ponto de dedicar boa parte do seu tempo ao atendimento das capelas que ele atendia e, em especial, à igreja de São Vicente, onde ele criara um Oratório."

Salesiano fiel, defendeu o bem da inspetoria com a vida e com a sua capacidade de dedicação e de trabalho. Foi exemplar no trabalho, justamente como D. Bosco sempre estimulara os seus filhos, hoje, os salesianos. Pe. Paulo Mohr merece toda a consideração e estima por sua vida empenhada em sempre realizar o bem material e o bem na fé. A ele o reconhecimento e a gratidão através de nossas preces e de nossa alegria por termos convivido com um salesiano de tão grande valor.

Campo Grande, 15 de agosto de 2011.

Pe. Afonso de Castro

Dados para o Necrológio

Pe. Paulo Georg Michael Mohr, SDB

★ 29 de setembro de 1931 em Wiesbach - Alemanha

† 08 de junho de 2008 em Campo Grande/MS - Brasil

Aos 77 anos de idade

43 anos de sacerdócio

53 anos de profissão religiosa